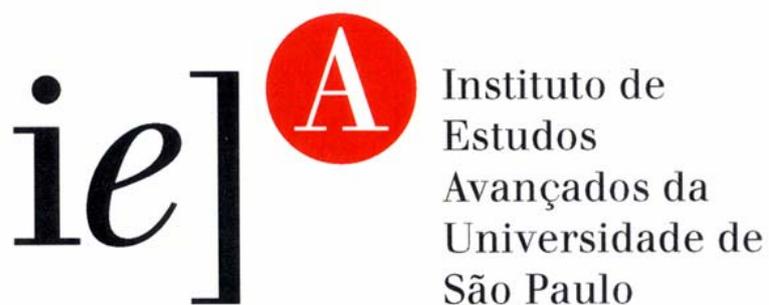


Educação para a Cidadania em um Mundo Globalizado

Dina Lida Kinoshita



Texto disponível em www.iea.usp.br/artigos

As opiniões aqui expressas são de inteira responsabilidade do autor, não refletindo necessariamente as posições do IEA/USP.

Educação para a Cidadania em um Mundo Globalizado

Dina Lida Kinoshita

I - INTRODUÇÃO

Foi instalada junto ao Instituto de Estudos Avançados da USP uma Cátedra da UNESCO de Paz, Direitos Humanos e Tolerância. Ora, como afirma Eric Hobsbawm¹, “estes assuntos não são abstratos, universais e imutáveis. Eles existem nas mentes de homens e mulheres como partes de conjuntos especiais de convicções sobre a natureza da sociedade humana e sobre a ordenação das relações entre os seres humanos dentro dela: um modelo de ordem social e política, um modelo de moralidade e justiça.”. Desta forma, pretende-se fazer um modesto diagnóstico do momento por que passa a humanidade. Embora não tenha nada de original, e outros já o tenham feito, pode ser útil para pensar no tema proposto para a cátedra.

II - DIAGNÓSTICO

A humanidade passa, neste fim de século, por uma profunda crise de civilização, caracterizada por um mundo cada vez mais complexo e contraditório, onde mudanças rápidas e surpreendentes em todas as esferas estão redefinindo e globalizando a geopolítica, a economia, o social, o cultural e os próprios *media*.

A magnitude das mudanças é tão profunda que seria difícil abarcá-las todas.

De todo modo, a partir da década de 80, torna-se clara a compreensão de que a humanidade defronta-se pela primeira vez na história com a questão global da sobrevivência. A era nuclear e os problemas ambientais têm acarretado mudanças profundas no próprio pensamento humano tornando obsoletas muitas categorias tradicionais da política, bem como as próprias noções de lógica e racionalidade do passado.²

Com o fim da Guerra Fria, o mundo bipolar, centrado no poderio militar, foi rapidamente substituído por um mundo multipolar e interdependente, centrado no poderio

¹ Eric Hobsbawm. “Mundos do Trabalho”, Editora Paz e Terra, São Paulo, 2ª Edição, 1988, p. 411.

² Andrey Y. Melville. “A Era Nuclear e o Novo Modo de Pensar”, Ed. Progresso, Moscou, 1988.

econômico e no conhecimento tecno-científico. Contudo isto não significa um mundo de paz. Embora uma série de conflitos regionais, insuflados e polarizados durante a Guerra Fria, pouco a pouco apresente saídas pela via diplomática, outras tensões nacionais outrora contidas pelos grandes blocos, afloram em toda a sua crueza. Enquanto isso, boa parte dos países do mundo que anteriormente eram explorados e dependentes, vivem uma situação dramática e acabam marginalizados. No novo mundo que se desenha, cada vez mais os países hegemônicos tendem a prescindir da mão-de-obra barata e da abundância de recursos naturais.

Por outro lado a revolução tecno-científica em curso tem acarretado uma enorme transformação na base produtiva e modifica totalmente o perfil do mundo do trabalho onde a classe operária tradicional deixa de ser o agente histórico da transformação social.³ Os satélites e redes digitais vêm permitindo a difusão imediata de decisões em um espaço cada vez mais amplo, o que possibilitou a reestruturação econômica e reorganização da vida social e política do sistema capitalista em nível mundial nas últimas duas décadas. Pode-se caracterizar esta transformação pelo fim da linha de montagem “fordista”, pelo surgimento de um desemprego estrutural e pela introdução de diversas formas de flexibilidade, quer nos processos de trabalho como nos mercados de trabalho, quer na mobilidade geográfica e em nível da política do Estado, acompanhados pelo enfraquecimento dos sindicatos.⁴

Novos problemas globais estão despontando tais como o agravamento da miséria e da fome, os problemas étnicos e raciais, o fundamentalismo religioso, a narcoeconomia e a epidemia da AIDS.

Para entender alguns destes problemas altamente correlacionados é preciso lembrar que os conceitos de estado e soberania nacional são relativamente recentes e foram gestados nos últimos séculos, atingindo seu apogeu nos séculos XIX e XX. Ambos têm ligação estreita com a ascensão capitalista e são produto das migrações e comunicações de massa. O imaginário de um novo tipo de comunidade - a nação - foi levado às massas através da mídia e tem seus fundamentos teóricos nas doutrinas políticas do republicanismo, liberalismo e democracia desenvolvidos no início da era capitalista. Embora tenham ocorrido migrações maciças desde os primórdios do capitalismo, estas mudaram de caráter nos últimos anos. Por um lado, o fluxo dessa migração que se dava da metrópole para a periferia do sistema capitalista, na atualidade, foi invertido. Por outro, a escala e velocidade de deslocamento dos modernos mercados dificultam qualquer forma

³ Eric Hobsbawm. “Lost Horizons”, New Stateman and Society, London, 1990.

⁴ David Harvey. “Capitalist Reestruturation and Socialism”, Socialist Review, vol 21, nº 1, 1991.

tradicional de assimilação gradual ao novo meio. Assim, no passado este processo propiciava o surgimento de novas nações que se desligavam da metrópole enquanto nos dias atuais o aparecimento em massa de milhares de migrantes em comunidades assentadas, acaba produzindo sua própria etnicização.⁵ Desta forma, a miséria e a fome na periferia do sistema, os problemas étnicos e raciais, bem como o fundamentalismo religioso, constituem aspectos diferentes do mesmo fenômeno.

O tráfico internacional de armas que ocupa o primeiro lugar na economia internacional, muda de caráter na medida em que ocorre uma maior difusão das armas nucleares e um verdadeiro contrabando de tecnologia nuclear, de difícil controle. Com a desintegração da ex-URSS surgem novas potências nucleares como a Ucrânia e o Cazaquistão que procuram preservar seu arsenal nuclear com o objetivo de firmar sua soberania e usar o poder de dissuasão destas armas em possíveis conflitos na região. Mais graves, e ainda como consequência desta desintegração acompanhada de uma crise econômica e mudanças de prioridades, assistimos à migração de cientistas nucleares para países do terceiro mundo interessados em tais artefatos. Estes fatos merecem novas preocupações pela devastação sem precedentes que poderá ocorrer em conflitos regionais, muitas vezes ainda com características tribais como em certos países africanos.

A partir dos anos 80, a narcoeconomia vem crescendo de forma vertiginosa ocupando nos dias atuais o segundo lugar na economia internacional. É interessante notar que o mercado mundial está dominado em primeiro e segundo lugares, respectivamente, pelo comércio da destruição e da contravenção. Um agravante deste quadro é o fato de grande parte dos usuários de droga ser de jovens que perderam qualquer perspectiva de futuro. Estes são dados objetivos da decomposição que impera no sistema. A divisão internacional do trabalho capitalista tem sido em certos momentos tão perversa que chega ao ponto de especializar um país ou uma região em produzir tóxicos, já que existe um mercado internacional para tal. Embora o capital financeiro internacional aproprie-se da parte mais expressiva destes lucros, os narco-empresários utilizam a “lavagem de dólares” para reinvestir pelo menos uma parte dos lucros na economia do país de origem. Nos países andinos produtores de drogas, os narco-empresários dão uma saída, ainda que perversa, às economias combalidas pela crise mundial e aliam-se aos setores mais conservadores da sociedade para barrar as reformas políticas e econômicas reclamadas

⁵ Benedict Anderson. “The New World Disorder”, *New Left Review*, nº 193, maio de 1992.

pelos setores populares.⁶ No plano internacional, apesar do fim da Guerra Fria e do afastamento do “perigo vermelho”, os EUA reafirmam seus interesses hegemônicos na América Latina. Para justificar esta dominação, inclusive com o envio de tropas e intervenções militares, passa-se a utilizar, como discurso oficial, o combate ao narcotráfico. Assim, há uma ambigüidade entre os interesses do capital financeiro internacional e o discurso oficial de um dos países hegemônicos detentores deste capital.

Controlar, por sua vez, uma epidemia como a AIDS em sociedades com largo consumo de drogas injetáveis e com tanta mobilidade populacional, torna-se extremamente difícil.

Ainda no plano político, assistimos à terceira onda de democracia, a qual é concebida como valor universal da humanidade e é associada a conceitos como direitos humanos e preservação ambiental com desenvolvimento sustentável. Contudo, boa parte das democracias dos países em desenvolvimento ainda é muito frágil e pouco participativa. Apesar do discurso, o modelo econômico que prevalece, contraria a sustentabilidade e uma maior equidade social. De todo modo, no limiar do século XXI, idéias como democracia, nação e soberania nacional devem ser reformuladas. Torna-se necessário compatibilizar o conceito de democracia com um mundo cada vez mais globalizado em que novas tecnologias permitem o exercício cada vez maior do individualismo. Por sua vez, os problemas globais aqui discutidos não podem mais ser confinados aos limites tradicionais dos territórios nacionais, de forma que só é possível considerar uma soberania limitada enquanto a própria expansão econômica do capitalismo com formação de megablocos engendra novas formas de organização de comunidades mais amplas.

No plano cultural as mudanças também são drásticas. O impacto do audiovisual e da publicidade comercial que tem se utilizado de estratégias globais através dos *media* impõe padrões de comportamento, consumo e aspirações universais que vêm acompanhados por uma banalização e desvalorização da cultura. Outro aspecto que deve ser mencionado diz respeito ao aumento da produtividade do trabalho que supostamente serviria para aumentar o tempo para o desenvolvimento individual, e paradoxalmente tem sido pervertido para a escalada do consumismo. Entretanto, este processo também não é linear, pois as classes subalternas lhe opõem resistência na medida em que as culturas autóctones são sufocadas. Se esta resistência tem perturbado e atrasado uma tendência modernizadora nas relações de produção, também tem um papel preponderante no

⁶ Oswaldo Coggiola. “Questões de História Contemporânea”, Editora Oficina de Livros, Belo Horizonte, 1991.

resguardo de valores culturais, éticos e até mesmo artísticos dessas classes profundamente alteradas pela interferência dos *media*.

Os fatos até aqui expostos sugerem uma nova ordem/desordem internacional.

Se o momento atual fosse representado por uma fotografia, dir-se-ia que a situação é extremamente adversa para uma parte significativa da comunidade internacional. Mas uma fotografia é estática e obviamente tudo no mundo se move no tempo e no espaço, constituindo um processo que não é linear, apresentando avanços e recuos. Um filme seria uma representação melhor para este processo.

São muitas as forças e personalidades que estão perplexas com este quadro. Entretanto ao estudar a correlação entre a história social do homem e a história da ciência e da tecnologia, pode-se verificar que o crescimento quantitativo é uma propriedade imanente do desenvolvimento da produção social. À medida que a produção se expande, tornando-se cada vez mais complexa, surge a necessidade de novas formas e métodos de organização, regulação e otimização. Para tanto, são aperfeiçoadas e inventadas novas ferramentas e meios mais eficientes que possibilitam criar, reproduzir e desenvolver essas novas formas e métodos. Esta complicação dos processos produtivos e sua diversificação forçam as pessoas a aprender mais e realizá-las melhor. Tal necessidade se estende não só às atividades materiais e práticas, mas também às atividades cognitivas e mentais já que o homem tem que aperfeiçoar a tecnologia e a lógica do seu pensamento e do seu significado para tornar-se apto a resolver problemas cada vez mais difíceis.⁷

Para tentar entender a contemporaneidade é preciso atentar para os seguintes fatos:

- estudos sobre o desenvolvimento da ciência e da tecnologia, efetuados com base nos recursos humanos envolvidos e no total depurado de publicações, mostram que, ao longo dos últimos 300 anos, o volume de conhecimentos científicos e tecnológicos duplicou a cada 15 anos. Não há razão para que essa evolução passe a atingir um patamar num futuro próximo.

- num quadro de transformações tecno-científicas extremamente rápidas e inesperadas onde novas revoluções tecnológicas poderão surgir de maneira imprevista, em prazos cada vez mais curtos, o tempo entre uma ficção científica e sua realidade não é mais de séculos ou décadas. O “just in time” passa a ser incorporado a todas as esferas que dizem respeito à vida humana.

⁷ E. T. Faddeev. “The Problem of Ecological Production, Philosophy and the Ecological Problems of Civilization”, Progress Ed., Moscou, 1983.

É bem verdade que a ciência em si contém soluções que podem conduzir tanto à barbárie como ao progresso e à justiça. Depende dos interesses dos que se apropriam dela. Assim, os pessimistas realçam a possibilidade de destruir o planeta. Contudo, hoje também já é possível resolver, por exemplo, através da engenharia genética, o problema da fome no mundo. Entretanto, esses exemplos ainda fazem parte de uma visão maniqueísta do mundo.

Na medida em que não se trata de uma mera aceleração quantitativa nas conquistas da ciência e da tecnologia, as mudanças qualitativas introduzidas são extremamente importantes. Entre estas, queremos ressaltar duas que têm sido aplicadas a sistemas sociais. De acordo com Nelson Fiedler Ferrari,⁸ a primeira diz respeito ao fato de que a partir da década de sessenta, toma-se ciência de modelos bastante simples representados por regras precisas e que podem ter comportamentos não previsíveis (caos determinístico); a partir daí, categorias prioritárias da epistemologia como *simplicidade, ordem e regularidade* vêm sendo destronadas por categorias opostas como *complexidade, desordem e caoticidade*. Um sistema complexo possui vários níveis de organização; por exemplo: um nível macroscópico, outro intermediário e um nível microscópico. Num sistema complexo, os diversos níveis de organização não são redutíveis a uma estrutura única feita de componentes elementares, isto é, a soma de soluções de todos os problemas isolados de um sistema não é a solução do sistema.

Segundo o mesmo autor, recentemente, a ciência demonstrou também que sob determinadas condições, ocorre o aparecimento de padrões organizados numa escala macroscópica, que constituem *padrões de atividade cooperativa*. A novidade consiste na natureza auto-organizadora dos processos dissipativos em sistemas abertos. A criação de ordem no interior do sistema se paga através de uma maior desordem no seu exterior, de forma que a segunda lei da termodinâmica não é violada.

Assim, embora a humanidade já tenha presenciado outras crises de civilização que pressagiavam novas eras, talvez o homem do nosso tempo sinta-se mais perplexo e angustiado devido à nova escala temporal em que se dão as mudanças. Pela primeira vez na história, o mundo do trabalho e da cultura assiste a vários surtos de desabilitação e reabilitação, ao longo de uma vida, bem como a comportamentos e situações imprevistas.⁹ Se apologizar pura e simplesmente as novas tecnologias sem atentar para os sérios problemas novos que suscitam é uma atitude irresponsável, rejeitá-las é infantil,

⁸ Nelson Fiedler Ferrari. “O Texto Literário como Sistema Complexo”, texto apresentado no IV Encontro Internacional de Pesquisadores de Manuscrito e de Edições: Gênese e Memória, São Paulo, agosto de 1994.

⁹ David Harvey. “Condição Pós Moderna”, Editora Loyola, São Paulo, 1993.

semelhante à dos luddistas que imaginavam barrar a industrialização quebrando as máquinas. As novas tecnologias contêm elementos democratizantes que possibilitam novos pactos de poder. Portanto há que se explorar as novas possibilidades no sentido de preservar os ideais humanísticos e não simplesmente o lucro e a eficiência.

É evidente que a política tradicional não contempla este novo cenário em que uma ação local deve sempre levar em conta efeitos globais e vice-versa. Esta política não está preparada para o cenário de incertezas e desafios, nos quais velhos e novos problemas convivem e misturam-se da mesma forma que os modos e meios para enfrentá-los.¹⁰

Nem o liberalismo nem o marxismo, ambos filhos legítimos do Iluminismo e da Revolução Francesa, foram capazes de englobar questões que afloraram com muita força nos últimos anos, tais como a de gênero, ou do racismo e da etnicidade. Além de não tratar da diferença e da alteridade, ignoraram a questão ambiental. Os diversos problemas da atualidade altamente vinculados uns com os outros, constituem sistemas complexos que exigem um novo tratamento. É chegada a hora de repensar a teoria e elaborar uma nova lógica dialética mais complexa que possa contemplar este novo cenário. Para tanto é preciso reconstruir um novo internacionalismo que procure entender o novo quadro mundial em seu conjunto, propondo soluções democráticas e solidárias para o conjunto da humanidade.

III - O PAPEL DA EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA NO NOVO QUADRO MUNDIAL

Assim, entendemos que o IEA, através da Cátedra da Unesco deveria iniciar por um aprofundamento sobre as questões abordadas, centrando seu trabalho em estudos sobre o conceito atual de Paz, Direitos Humanos e Tolerância. Em nossa opinião, não foi por acaso que a Cátedra tem este nome; as mais antigas são Cátedras de Educação para a Paz. A nova formulação é bastante feliz, dada a nova complexidade mundial. Os cenários para o futuro vão da barbárie a uma sociedade global regida pela cidadania global e por uma federação democrática internacional de nações.

Um futuro comum de paz, justiça social, liberdade e solidariedade para a humanidade, com a eliminação dos sentimentos egoístas e xenófobos, dos conflitos econômicos, de uma distribuição de renda perversa entre homens e nações, da intolerância

¹⁰ Claudio Martelli. "Socialismo, Liberdade, Democracia", revista O Futuro do Socialismo, vol. 1, nº 2, 1991.

de toda espécie, da criminalidade e do desprezo pelo meio ambiente, requer um novo paradigma, necessariamente global. Observa-se, em muitas partes do mundo, uma busca de novos valores, novas visões e novos princípios de vida que vão se conformando nesse novo paradigma que pode ser caracterizado por:

- um reconhecimento crescente da integralidade e interdependência de todos os aspectos da realidade e da experiência;
- esforços no sentido de um desenvolvimento em consonância com os princípios ecológicos e limites ambientais;
- uma nova solidariedade com o abandono de abordagens baseadas na cobiça ou escassez em favor de elementos que levem em conta a suficiência de recursos e a preocupação com o outro;
- uma globalização da consciência e das comunicações através do desenvolvimento de redes de comunicações;
- uma descentralização do poder e novos modos de auto-organização de comunidades, que exige a revitalização da sociedade civil e instituições globais adequadas ao novo paradigma;
- substituição de um modelo de competição e confronto desenfreados por um regido pela cooperação e a parceria em todas as esferas da vida sócio-econômica e política;
- um despertar da espiritualidade e da consciência.¹¹

Ora, este novo paradigma exige uma revisão dos próprios princípios que regem a paz, os direitos humanos e a tolerância. Mas o obstáculo mais importante e talvez o mais difícil de vencer é a mudança da mentalidade humana; as barreiras psicológicas e emocionais resultam da relutância natural da mente humana em aceitar mudanças. Trata-se de uma defesa psicológica, muitas vezes atrativa, que nos salva do incômodo de pensar nos difíceis problemas da atualidade e permite o uso de idéias e conceitos ultrapassados, porém bem conhecidos.¹² Assim, o papel exercido pela educação e pela informação torna-se fundamental tanto para a formação dos jovens como para as gerações adultas que cresceram com as tradições do passado e freqüentemente as consideram como normas únicas.

¹¹ Ervin Laszlo. “Transição para uma Sociedade Global e o Espírito de Cidadania Mundial”, 1º Encontro Latino-Americano para a Cidadania Mundial, São Paulo, 1996.

¹² Andrey Y. Melville. op. cit.